

# **PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NO TERRITÓRIO FRENTE AO CONTEXTO DE IMIGRAÇÃO FORÇADA**

## **PERSPECTIVES OF THE PERFORMANCE OF PSYCHOLOGY IN THE TERRITORY IN FACE OF CONTEXT OF FORCED IMMIGRATION**

Isabela Zeato Passos

E-mail: [isabelazeato@gmail.com](mailto:isabelazeato@gmail.com)

Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU

Yasmin Gomes Santos

Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU

Profa. Dra. Terezinha A de Carvalho Amaro

Docente do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU

### **RESUMO**

Introdução: este estudo visa debater a dinâmica de socialização de uma determinada população. Consiste em um relato de experiência de duas alunas do curso de Psicologia ao realizar o estágio no espaço de uma instituição de apoio ao imigrante e refugiado na cidade de São Paulo. O objetivo principal é delimitar a estrutura constituinte do enlaçamento social a partir da análise da dinâmica de socialização dos frequentadores do espaço onde o trabalho foi realizado. Bem como, refletir o papel da Psicologia neste contexto, como auxiliadora no fortalecimento do território. Método: utilizou-se o ensaio teórico, fazendo articulação entre psicanálise e política frente ao sofrimento psicossocial. Resultados: a partir do aparato teórico e observacional, foi possível promover um novo olhar daquele espaço, o que gerou uma nova perspectiva de trabalhos que podem ser feitos por meio da concepção em saúde preventiva, de forma futura, a partir de características ainda não exploradas. Conclusões: os principais pontos encontrados durante as observações salientam a importância de um olhar voltado para a atuação da psicologia em seu viés preventivo, que compreende o acolhimento, a escuta terapêutica, formação de grupos terapêuticos, bem como, medidas assistenciais, articulação com a rede e o território de forma ativa.

Palavras chave: imigração, territorialidade, psicologia, psicanálise.

### **ABSTRACT**

Introduction: this study aims to discuss the dynamics of socialization of a given population. Consists of an experience report of two psychology students, when doing the internship in the space of an institution to support immigrants and

refugees in the city of São Paulo. The main objective is to delimit the constituent structure of social tying from the analysis of the socialization dynamics of the regulars of the space where the work was carried out. As well as reflecting the role of Psychology in this context, as a helper in strengthening the territory. Method: therefore, the theoretical essay was used, articulating psychoanalysis and politics in the face of psychosocial suffering. Results: from the theoretical and observational apparatus, it was possible to promote a new look of this space, which generated a new perspective of works that can be done through the conception in preventive health, in a future way, from characteristics not yet exploited. Conclusions: the main points found during the observations highlight the importance of looking at the role of psychology in its preventive bias, which includes welcoming, therapeutic listening, formation of therapeutic groups, as well as assistance measures, articulation with the network and the territory actively.

Keywords: immigration, territoriality, psychology, psychoanalysis.

## INTRODUÇÃO

Este estudo faz uma articulação entre psicanálise e política a partir das reflexões durante o processo de intervenção psicoterapêutica com sujeitos imigrantes e refugiados, que são expostos a violências sociais advindas de um contexto sócio-político excludente a este tipo de população. O intuito é debater o movimento de reconstituição do ambiente social e seus laços sociais, assim como formações discursivas que foram possíveis de serem analisadas por via deste enlaçamento. Como contribuição dessa discussão, será utilizado o conceito de território, de forma a delimitar a relação daqueles sujeitos com o local onde foi realizado o projeto e que mostrou ser, também, um importante local de socialização.

Será utilizado o termo “imigração forçada”, assim como predispõe Rosa<sup>1</sup>, ao elucidar a violência constituinte no processo do sujeito ao abandonar seu país devido às questões sociais e econômicas.

A exclusão social e econômica não é considerada como violação de direitos e não é suficiente para dar o estatuto de refugiado. Para incluir o peso da violência neste processo, optamos em chamá-los de imigração forçada<sup>1</sup>.

Trata-se de um relato de experiência do projeto que fora desenvolvido em uma instituição que tem seu trabalho voltado ao auxílio de pessoas imigrantes e refugiadas, fruto de um estágio de Saúde Preventiva com vínculo com a faculdade. A proposta principal do estágio era promoção de saúde mental a partir da observação do ambiente e dos serviços disponíveis na instituição para acolher estas pessoas. A partir da disponibilidade em receber o estágio tal qual era proposto, ficou decidido que este seria realizado na parte externa, de onde fica localizada a instituição. Uma vez que já era realizado atendimento psicoterapêutico nas mediações da instituição e outro com a própria equipe de Psicologia do local. Foi-nos direcionado este local pelo responsável por acreditar

ter uma grande movimentação das pessoas frequentadoras dos serviços disponíveis.

Não é intenção discutir, tão pouco elucidar, conteúdos pessoais desses sujeitos, mas sim debater reflexões que foram levantadas ao longo deste trabalho, assim como pontuar uma dinâmica geral percebida daquela população e da instituição. As observações, por sua vez, possibilitaram um maior entendimento do contexto social no qual eles estavam inseridos, bem como criou um ambiente propício para reflexões que deram forma para este estudo. De uma forma geral, considerou-se o enlaçamento social percebido na dinâmica da população naquele ambiente, assim como características presentes no discurso.

Com base no que fora exposto acima, este estudo tem como objetivo fazer uma análise da dinâmica de socialização da população frequentadora do local de estágio, articulando este enlaçamento social a partir da relação com este ambiente. E, delinear projetos de intervenção de modo a possibilitar um ambiente propício para uma maior estruturação do sentimento de pertencimento, reconstituição de laços sociais e fortalecimento do território. Para que seja possível o auxílio deste enlaçamento, a psicologia passa a exercer seu lugar de atuação de uma forma mais ativa, para além do contexto clínico. Ou seja, para além da atuação em território, o papel do psicólogo passa a ser de ponte na sua reconstrução.

Para tanto, utilizou-se como método o ensaio teórico a partir das concepções de Miriam Rosa<sup>1</sup>, cujo trabalho sobre o sofrimento psicossocial do imigrante foi fruto de um projeto realizado nesta mesma instituição. Utilizou-se, também, o conceito de território para compreender melhor o funcionamento dos imigrantes como grupo e sua relação dinâmica com o espaço, não só da instituição, mas daquela região da cidade. Além de observações e reflexões, que possibilitaram articulações frente ao aparato teórico, foram escolhidos os seguintes tópicos para melhor compreensão do tema: 1. Relato de experiência do estágio; 2. Territorialidade no contexto da imigração e 3. Papel da psicologia frente ao contexto de imigração e exclusão social.

### **Relato de experiência do estágio**

O primeiro contato com a instituição foi por meio de uma visita monitorada, neste encontro havia vários outros estudantes interessados em fazer algum tipo de trabalho no local. Nesta mesma visita também pudemos conhecer os espaços da instituição, a fim de compreender ainda melhor o seu funcionamento. Tendo a percepção de que a instituição se mostra aberta para a concretização de trabalhos de diversas áreas.

Durante a realização do trabalho, os imigrantes eram em sua maioria de origem haitiana. As pessoas não falavam muito bem o português, tinham o domínio do crioulo ou do francês. Percebemos que a maioria dos imigrantes presentes não conheciam a instituição, mas estavam ali, em suma, para passar o tempo, diferentemente do que era imaginado no início do estágio. Este fato chama muito a atenção, visto que, foi percebido que muitas das pessoas que estavam ali necessitavam dos serviços oferecidos pela instituição em questão.

### **Territorialidade no contexto da imigração**

Miriam Rosa<sup>1</sup>, descreveu sobre as questões voltadas ao sofrimento psíquico nas situações de imigração e destacou a cristalização no discurso dos sujeitos, que, devido ao senso de urgência inicial, ao chegar ao país, mesmo após um longo tempo, estariam agindo de forma reativa. Cristalização essa que também foi manifestada pelos haitianos durante o trabalho realizado na instituição.

Dissociados, os processos podem gerar, de um lado, um movimento contínuo sem ponto de báscula, o que pode resultar no desenraizamento do sujeito; ou, de outro, levar a uma identidade cristalizada alienante que retira o sujeito de sua condição desejante. Ou seja, o sujeito se constitui na alternância entre o movimento metonímico do desejo e a cristalização sintomática em identidades<sup>1</sup>.

Faz-se importante salientar o posicionamento excludente do enlaçamento social no qual essa população pertence. Uma vez que os laços sociais são advindos da linguagem, a partir de um discurso. “A problemática no laço social, portanto, diz respeito ao campo da política, e pode gerar impasses na relação com o outro e sua posição desejante”<sup>1</sup>. Por isso, é necessário levar em consideração o contexto social e, logo, a política, acerca de uma determinada população.

Essa dinâmica citada anteriormente, assim como em relação à cristalização, se fortalece a partir do contexto social em que aqueles sujeitos são inseridos. Foi percebido que a maioria dos frequentadores não tinha um emprego e isso demonstrou ser um forte causador de angústia e sofrimento psíquico, que gerava, até mesmo, sofrimento físico e desamparo social. Mas, de certa forma, observamos que aquele ambiente era fortalecedor, terapêutico. Tendo sido possível, ainda, notar que grande parte das pessoas não frequentavam o local em função da instituição ou de qualquer evento que fosse realizado em suas mediações. Ao contrário do que se imagina em um primeiro momento, a instituição não é a causadora da alta frequência de imigrantes no local.

Tendo isso em vista, passamos a questionar qual seria esse motivador. Em um dos encontros, que foi pautado em observação, foi levantado o conceito de território, que se enquadra bem na relação da população naquele local. Este conceito é amplamente utilizado pelas áreas da biologia, sociologia, geografia e psicologia. Entretanto, pelo seu uso recorrente, há conceituações diversas e, por isso, vale, primordialmente, definir o conceito utilizado neste presente trabalho. Feitosa et al, Souza<sup>2</sup>, Haesbaert<sup>3</sup>, apresentam um estudo acerca da etimologia da palavra.

[...] seu campo semântico é relativo a dois sentidos: terra e aterrorizar. Terra referindo-se à delimitação de parte do espaço geográfico, à materialidade do território, que fala de apropriação simbólica ou material de uma porção de terra. Aterrorizar diz respeito aos sentimentos que o território inspira, como de proteção e o pavor de ser excluído, devendo ser aterrorizados os que desejam invadi-lo<sup>2</sup>.

Pode-se, então, dessa forma, perceber o território como espaço geográfico, político, cultural e afetivo, colocando este último como ponto crucial para a compreensão de seu conceito.

O território representa muito mais do que o espaço geográfico. Assim, o município pode ser considerado um território, mas com múltiplos

espaços intraurbanos que expressam diferentes arranjos e configurações socioterritoriais. Os territórios são espaços de vida, de relações, de trocas, de construção e desconstrução de vínculos cotidianos, de disputas, contradições e conflitos, de expectativas e de sonhos, que revelam os significados atribuídos pelos diferentes sujeitos<sup>4</sup>

Além disso, o território aqui é visto como um espaço onde é manifesto desigualdades e vulnerabilidades provenientes da relação social, sendo, assim, uma produção socioespacial (Santos)<sup>5</sup>. Segundo Feitosa et al, Souza <sup>2</sup>, Haesbaert<sup>3</sup>, o autor Milton Santos<sup>5</sup>, delimita, ainda, a influência que o capitalismo tem na organização dos territórios que, por sua vez, acarreta na vivência dos sujeitos. Tendo sido uma importante referência ao se tratar de território “principalmente por denunciar as desigualdades presentes no território, destacando como os diversos atores sociais se apropriam dele”<sup>2</sup>.

A partir dessas contribuições, foi percebido que aquele espaço era um território, com sua rede, seu significante atuante que servia como ambiente que proporciona socialização entre os imigrantes, fato este que é reforçado por eles encontrarem seus semelhantes ali. No decorrer dos encontros, foi observado que alguns dos comerciantes que costumavam vender produtos na calçada ou no próprio pátio da instituição, não tinham domínio sobre a língua portuguesa. Isso gerou um questionamento que logo fora clarificado: não era necessário falar português, já que seus clientes são haitianos. Outro fator que favorece esse ambiente acolhedor é o fato de o portão sempre estar aberto, pronto para acolher quem quer que seja. Assim como acolheu as estagiárias.

Ainda que de forma precária, devido às variáveis delicadas de imigrações forçadas e à residência em um país desconhecido, existe um movimento de agrupamento entre seus semelhantes para formação territorial. Visto que o processo de territorialização de modo social sempre ocorre, mesmo que em grau quase não perceptível, ou seja, é inviável a análise de que esses sujeitos não são pertencentes a um território.

Segundo Almeida<sup>6</sup>, a desterritorialização é um mito, pois quando um sujeito se desterritorializa, sucessivamente acontece um novo movimento de territorialização. Neste caso, o termo mais válido para este fenômeno seria o da “des-re-territorialização”, pois não é possível não haver territorialidade. A mesma autora também comenta que existem diversos tipos de territorialização. Sendo uma delas a territorialização fechada ou uniterritorial, que consiste em uma relação estreita com uma identidade cultural ou poder político. Desta forma, existe uma menor pluralidade entre o grupo, formando grupos de uma maior homogeneidade.

Outro ponto importante destacado por Almeida<sup>6</sup> é que apesar dos estudos recentes quanto à territorialidade, este não é um fenômeno da contemporaneidade, visto que as formações de território, assim como a multiterritorialidade sempre ocorreram durante a história da humanidade.

Para Haesbaert<sup>7</sup>, uma das maiores problemáticas no estudo de território se dá devido a indefinição de seu conceito, que é estudado por várias áreas distintas de conhecimento, porém estas acabam apropriando-se somente com a dimensão mais consistente em sua área de atuação. É destacado que existem quatro dimensões territoriais, sendo elas, política, cultural, econômica e naturalista. Além disso, tipos distintos de territorialidade, sendo eles, “unilateral”, ou fechado, como o descrito anteriormente, que geralmente são grupos

homogêneos devido às semelhanças políticas ou étnicas: a “político-funcional”, baseada na percepção de Estado-Nação, considerando a pluralidade cultural e negando a pluralidade de poderes para além dos públicos; a territorialidade “flexível”, que leva em conta a tanto a presença da sobreposição territorial sucessiva - relacionada aos espaços multifuncionais e territórios periódicos, quanto às territorialidades político-administrativas. Já na territorialidade “múltipla”, observa-se uma multiterritorialidade, ou seja, diferentes grupos formam territórios flexíveis e multi-identitários.

Esta concepção mais abrangente de território faz com que se promovam, ao longo do tempo, diferentes possibilidades de territorialização, conceito trazido no texto como um componente de poder, por meio do qual indivíduo e sociedade experimentam e dotam de significado seu “espaço” físico ou virtual de convivência. Ressalta Haesbaert que a territorialização possui quatro objetivos básicos que se combinarão conforme o contexto em que se dá: abrigo físico (fonte de recursos materiais/ meio de produção); identificação de grupos de interesse através de dimensões espaciais (fronteiras geográficas); controle através do espaço, por meio dos espaços individualizados; e construção/controle de conexões e redes<sup>6</sup>.

A partir da apropriação do conceito destacado acima, foi feita uma articulação entre a territorialidade e a situação observada durante a realização do estudo. Como destacado anteriormente, foi percebido que os imigrantes observados convivem, em sua maioria, somente com pessoas da mesma etnia, de forma que não se faz necessário o uso da língua portuguesa. Com base nisso, podemos dizer que este grupo está enquadrado em uma territorialidade unilateral.

Para Almeida<sup>6</sup>, a multiterritorialidade não é um fenômeno disseminado em todo o mundo. Existem grupos privilegiados que conseguem interagir em um maior número de territórios, mas isso não se aplica a todos os sujeitos. Considerando a dimensão política e histórica da atualidade relacionada ao contexto da imigração, faz-se necessário a análise de diversos recortes, como de etnia, classe social, cor, dentre outros, que, de certa forma, justificam estes sujeitos viverem em uma territorialidade unilateral. Assim como, demonstram dificuldades encontradas para este grupo viver em uma multiterritorialidade.

Considerando o entrelaçamento entre afetividade e território, segundo Feitosa et al<sup>2</sup>, a apropriação de territórios tem relação direta com a afetividade, que, por sua vez, é escolhida como característica política e ética importante para a constituição do sujeito. A apropriação de novos territórios tem um apontamento direcionado à busca pela felicidade. Este entrelaçamento entre afetividade e territorialidade evidencia as questões encontradas pelos imigrantes haitianos em residir em um país onde o contexto social é manifesto de uma estrutura racista, para além de outras questões sociais envoltas da situação.

## **Papel da Psicologia frente ao contexto de imigração e exclusão social**

A partir do aparato teórico e observacional, foi possível promover um novo olhar daquele espaço, o que gerou uma nova perspectiva de trabalhos que

podem ser feitos por meio da concepção em saúde preventiva, de forma futura, a partir de características ainda não exploradas pela instituição. Assim como delimitar o papel do psicólogo atuante em um contexto de exclusão social e sofrimento psíquico, em um âmbito de imigração forçada.

Considerando a dimensão territorial na qual foi enquadrado o grupo de imigrantes, a territorialidade unilateral, uma possibilidade de atuação do psicólogo pode ser em um direcionamento e mediação do fortalecimento do território, de forma que o objetivo principal circunda no estabelecimento de uma multiterritorialidade, assim como proposto por Haesbaert<sup>2</sup>. Levando em consideração o contexto sócio-histórico, conforme fora elucidado anteriormente.

A articulação em rede, que deve ser estabelecida a partir dos territórios existenciais dos usuários, é decisiva para a constituição de um conjunto vivo de referências capazes de acolher a pessoa com sofrimento psíquico. [...] Para ter alguma efetividade, a rede de saúde mental deve estabelecer uma interligação com outras instituições, associações, cooperativas, centros culturais e esportivos, para além dos dispositivos de saúde, colocando-se como espaços de vínculo e produção de vida nos territórios dos usuários. Por isso, a rede de saúde mental é definida como de base comunitária e deve estar articulada de forma intersetorial com a rede de educação, de assistência social, de cultura, de segurança pública, entre outras<sup>4</sup>.

O território é parte atuante da saúde preventiva e deve ser utilizado como tal, de modo a fazer o acolhimento e socialização dos sujeitos, de forma que seja viabilizador para a promoção e manutenção da saúde mental. Uma das propostas que pode ser feita é em relação ao local, que se mostrou com uma importância muito grande em todo o percurso para aqueles sujeitos. Ou seja, de certa forma, o ambiente onde foi realizado o estágio já atua na formação de território, mesmo sem o apoio de terceiros. Para haver uma ação da psicologia como auxiliadora para o seu fortalecimento, assim como na formação de uma multiterritorialidade, faz-se necessária a articulação em rede, promovendo o enlaçamento deste sujeito com novos territórios.

Para que ocorra de fato uma atuação adequada, não somente da psicologia, mas de qualquer área que se dispore a ter algum tipo de trabalho no território, principalmente quando atravessado por situações de vulnerabilidade, é necessário fazê-lo de forma responsável. Visto que, segundo Haesbaert<sup>3</sup> o território é um conjunto de diversas dimensões de um espaço, sejam políticas, naturais, sociais, econômicas, culturais, materiais e indenitárias. O fruto destas relações podem ser geradoras de desigualdades, resultando em situações de vulnerabilidade. Para Santos<sup>5</sup>, a interação entre o sujeito com o ambiente acontece muitas vezes de forma não percebida ou verbalizada. Levando em consideração as afirmativas acima, é necessário que o psicólogo se atente na relação com o território em questão. No caso específico das situações de imigração forçada, é necessária cautela para não atuar de forma colonizadora ou repetindo preconceitos enraizados através da cultura.

Vale ressaltar, ainda, a importância da afetividade na constituição do território, que atuará, por sua vez, na relação do sujeito com o ambiente, proporcionando, dessa forma, segurança e reconstituição de laços sociais.

A relação do ser humano com o ambiente é de ordem física e simbólica, os espaços são multidimensionais e compartilham da mesma materialidade e subjetividade que os seres humanos<sup>8</sup>. Na identificação com os espaços o sujeito pode construir sua subjetividade, significando a si próprio e à sua vida diferencia os espaços dos lugares, de maneira que o espaço relaciona-se ao movimento e à liberdade de transitar no ainda não familiar, à amplitude, às grandes dimensões, o que pode, inclusive, gerar certo sentimento de insegurança frente ao desconhecido<sup>8</sup>.

Para Sawaia<sup>8</sup>, as situações de vulnerabilidade e segregação geram um sofrimento ético-político resultante de atravessamentos sociais. A atuação do profissional de psicologia para a reconstituição dos laços sociais permeia o fortalecimento a partir do enfrentamento de situações políticas e sociais mediante as situações de exclusão e vulnerabilidade. Ou seja, não se trata somente de uma questão individual, mas sim de um trabalho voltado para onde o individual fortalece o meio.

Dessa forma, esses laços sociais estabelecidos podem servir de suporte ao sujeito, gerando, ainda, efeitos terapêuticos que serão mobilizados em conjunto com um trabalho de acolhimento e escuta. Tendo em vista o sofrimento social advindo da própria conjuntura social, assim como ao considerar as perdas importantes que o sujeito imigrante sofreu durante a imigração forçada, o processo de melhor resolução do trauma e do luto pode ser possibilitado por via do social.

Diante do impacto traumatizante de uma consciência clara da impotência frente ao Outro consistente e insistente em barrar qualquer acesso à condição de uma lógica fálica e desejante, o sujeito cala-se. Constrói uma barreira sólida é necessária, que tem sua expressão no que chamo de emudecimento do sujeito e de apatia necessária, rompida, por alguns, por reações violentas. Observo nessa suspensão temporária — às vezes da vida inteira, mas temporária e não estrutural — um modo de resguardo do sujeito ante a posição de resto na estrutura social. Uma proteção necessária para a sobrevivência psíquica, uma espera, uma esperança. Penso assim pela facilidade com que, muitas vezes, algumas situações de escuta fazem surgir ali, onde parecia haver apenas vidas secas, o sujeito desejante, vivo.<sup>9</sup>

Segundo Rosa<sup>9</sup>, existe uma relação entre o desamparo social e o desamparo discursivo, assim introduzindo o âmbito do traumático nesta relação. Ela destaca que a entrada no traumático se dá por meio de uma desorganização subjetiva consecutiva a uma falta de sentido emergente. Para ela, devido a uma questão de classe existe uma resistência na escuta clínica do analista. Para que isso não aconteça, é necessário que o analista rompa com o pacto social com o grupo excludente. Ou seja, a atuação com o viés de uma escuta psicanalítica, tendo em vista um olhar social de contextualização do sujeito, pode ser possibilitada a partir de fazer surgir o sujeito desejante.

## CONCLUSÕES

Este estudo proporcionou, com base no aparato teórico e nas contribuições feitas a partir das observações, um novo olhar acerca do espaço ocupado pelos imigrantes. Que culminou em percebê-lo como um território para aquela população. Assim como um espaço geográfico, político, cultural e afetivo com sua rede e seu significativo atuante, que servia como ambiente que proporcionava socialização entre os imigrantes. Embora este espaço observado fosse de alguma forma fortalecedor e terapêutico para eles, pois promovia entrelaçamento entre afetividade e território, alguns fatores foram pensados como forma de intervenção.

Assim, os principais pontos encontrados durante as observações salientam a importância de um olhar voltado para a atuação da psicologia em seu viés preventivo, que compreende o acolhimento, a escuta terapêutica, formação de grupos terapêuticos, bem como, medidas assistenciais, articulação com a rede e o território de forma ativa. Foi possível, portanto, delimitar o papel da psicologia como mediadora do fortalecimento territorial e como articuladora da utilização do território como parte atuante em saúde preventiva.

## REFERÊNCIAS

1. Rosa MDA. clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento. *Psicanálise, cultura e política*. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2015. v. 1. 144p.
2. Feitosa MZS, Sousa LCA, Paz AFC, Barreto EHFL, Bomfim ZAC. Afetividade, território e vulnerabilidade na relação pessoa-ambiente: um olhar ético político. v. 30. Fortaleza: Revista de Psicologia, 2018.
3. Haesbaert R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
4. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *CapacitaSuas SUAS: configurando os eixos de mudança*. Brasília: Instituto de Estudos Especiais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. v. 1.
5. Santos, M. Da totalidade ao lugar. São Paulo: Edusp, 2005.
6. Almeida DR. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
7. Haesbaert R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. Porto Alegre: Associação Brasileira de Geógrafos, 2003.
8. Sawaia BB. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão: As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 11 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
9. Rosa MD. Uma escuta psicanalítica das vidas secas. São Paulo: São Paulo Textura Revista de Psicanálise, v. 2, n. 2, 2002. p. 42-47.